

População preta em contexto pandêmico: das análises econômicas aos seus efeitos psicossociais

Tainara Cardoso Nascimento
Josemar Ricardo Camenha Cardoso Quinguaia

*E há quem diga que essa minha vida
Não é vida para um ser humano viver,
podes crer
E nas mandingas que a gente não vê
Mil coisas que a gente não crê
Valei-me, meu pai, atotô, Obaluaê
(Zeca Pagodinho, 1998)*

Esta escrita é uma tentativa de diálogo com uma população que tem vivenciado dias tristes e de suplícios. Estamos em maio de 2020 e a velocidade das informações nos consome. Estamos nos primeiros 5 dias do quinto mês do ano e o Estado, a política brasileira, alcançou sua meta de 600 mortes diárias. 600 histórias e interrupções. O ano de 2020 vem sendo marcado, a nível mundial, por uma doença expressivamente desconhecida e incontrolável até os dias atuais. A Covid-19 é uma doença respiratória grave com origem viral, que possui extremo contágio e recentemente descoberta. Em março do presente ano a Organização Mundial de Saúde (OMS) retrata o momento que estamos vivendo como excepcional no setor e define como uma crise pandêmica.

A ciência brasileira, violentamente prejudicada por sua subvalorização, sobretudo nos últimos anos, vem tentando atuar com o mínimo. Os dias estão difíceis e a asfixia se faz cotidianamente presente. A produção vital, especificamente no Brasil, tem sido enterrada. Lideranças comunitárias, cientistas, profissionais da saúde e artistas, por exemplo, têm relatado ao país o esgotamento e cansaço emocional pela produção de conhecimento e pela vida em si. O vírus torna-se mais suscetível ao atingir determinada população em territórios, sob condições e hábitos específicos. Hoje nós sabemos que algumas doenças são mais passíveis de ocorrer em determinados perfis e em específicos segmentos populacionais. O racismo hoje é reconhecido como expressivo fator de adoecimento para a população preta, em especial. Historicamente a população preta é identificada como segmento ocupante dos piores índices sociais no país. Ou seja, nesse contexto pandêmico, as populações mais vulneráveis estão sofrendo de modo massacrante.

A população preta traz uma preocupação primordial por necessitar que a questão racial seja centralizada nas agendas, nas tomadas de decisões do Estado. O racismo, por não ser reconhecido e cuidado como questão medular, mantém pessoas pretas sendo facilmente encontradas em situação de miserabilidade, nas ruas, em diagnósticos apontando perfil patológico (psicose, por exemplo), nas filas das redes de saúde pública e das agências bancárias, sobretudo no momento, onde milhões de pessoas encontram-se num período de grande instabilidade emocional e financeira. Vale ressaltar as condições extremamente imprevisíveis de empregabilidade que afeta, em maior número, os ambulantes, também conhecidos como camelôs.

O estresse, o não-reconhecimento e a sensação de descartabilidade têm sido frequentemente relatadas de formas mais acentuadas pela população preta nesse período. Logo, a partir de um cenário extremamente movediço, como seguir as orientações de instâncias máximas de saúde necessitando produzir a fonte de renda imediata e diária? Como proteger-se em casa sem casa? Como lavar as mãos sem água? Como mascarar o rosto sendo homem preto e alvo de perseguições cotidianas? Quais punições são pensadas para esses mesmos homens, alvos intensos das ações de extermínio em territórios com políticas de *lockdown* em curso? A quem serve a proteção?

Os modelos econômicos que regem as sociedades nos dias de hoje potencializam a importância do capital e o colocam como condicionante para o consumo. Logo, a obtenção de capital (renda) torna-se imprescindível para que as pessoas tenham acesso a bens de consumo e possam de tal modo satisfazer as suas necessidades. A Covid-19 tem sido considerada como uma doença ainda sem cura e com fortes incidências econômicas. No entanto, medidas paliativas para abrandar o nível de contágio populacional têm sido tomadas. O isolamento social é comprovadamente o método mais eficaz para evitar a propagação do vírus e a dureza de suas regras variam de acordo com nível de contágio da região em questão. Em lugares pouco afetados recomenda-se que apenas serviços essenciais (saúde e alimentação, por exemplo) operem. Para as áreas muito afetadas, medidas mais duras como o *lockdown* têm sido utilizadas.

Analisando a situação a partir destas nuances fica realçado o contraste entre a necessidade de renda por parte dos cidadãos e as recomendações de confinamento que os impossibilitam de trabalhar e conseguir tal renda para satisfazer as suas necessidades. Tanto nas situações que exigem um isolamento social mais rígido, como nas que permitem maior liberdade, existe um ponto em comum: a população mais vulnerável

(aquela com mais dificuldades de acesso a serviços básicos, ou seja, considerada com nível de renda mais baixo) e que no Brasil é inegavelmente determinado pela condição racial.

A população preta é a que mais sofre e sente o impacto da pandemia, sendo a população que se encontra, em larga escala, em situação de rua, menos remunerada e que trabalha nos “serviços essenciais” precisando se expor diariamente ao vírus. É também a população que mais recorre ao trabalho informal, e a mesma que tem precisado se expor em filas de bancos e lotéricas para sacar auxílios e demais benefícios sociais nesse momento emergencial. A espera, imprevisibilidade e exposição tornam-se torturas para a população.

A pandemia potencializa exponencialmente as ações governamentais racistas que promovem a desigualdade social, a má distribuição de renda e reforça o compromisso histórico do Brasil com o genocídio do povo preto. É importante ressaltarmos que a renda é um dos fatores que potencializam e evidenciam os efeitos diários de políticas de desinvestimentos destinadas às populações vulneráveis. A situação atual convoca para ação com urgência. É tempo de buscar pelas reduções de danos, de deslocar, de incomodar e se implicar. O aguardo têm sido fatal e, em maior escala, a destinatários selecionados previamente. A morte é minuciosamente programada.

É necessário destacar as ações de projetos sociais, de grupos locais, que têm realizado atuações imensamente honrosas na busca pela prevenção e resguardo de cada vida diante de um cenário tão desolador. Grupos que conhecem e integram territórios específicos oferecendo retorno às suas terras. Na cidade de São Gonçalo, município da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, lugar de onde enunciamos as nossas falas, jovens de diferentes coletivos têm realizado intervenções de coletas financeiras, compras e distribuição de *kits* de higiene e cestas básicas à população. “Nós por Nós”, “Isoporzinho da Prevenção”, “África em Nós” e “Comunidade Viva” são alguns dos coletivos da cidade que somaram as suas atuações na primeira semana em que o processo de isolamento social foi decretado para intervir no território conjuntamente.

Durante a pandemia esses e outros projetos se aliaram à Bem TV, uma organização parceira que trabalha no setor da comunicação com jovens nas favelas de Niterói (cidade vizinha), porém com incidência nos dois municípios do Estado. Através da ideia de projetar atuação com o que foi denominado de “Jovens Comunicadores”. Todas essas referências locais têm buscado recrutar jovens de 16 a 29 anos e apostar na

comunicação comunitária diária entre as próprias redes de contato desses jovens pelo aplicativo de comunicação *Whatsapp*. A atuação consiste em investirmos em informações acessíveis, identificando notícias falsas sobre a doença, além de possibilitar a esses jovens remuneração mensal durante o contexto pandêmico, com a finalidade de implicá-los na discussão atual e garantir como mais uma e, em números significativos de casos, como fonte única de renda.

São Gonçalo é o segundo maior colégio eleitoral do Estado e um dos municípios mais populosos do país, alcançando mais de um milhão de habitantes. A cidade, significativamente preta, possui muitas especificidades relacionadas ao racismo, sobretudo quando relacionado ao aniquilamento massivo dos jovens pretos. Logo, pensar a atuação da juventude neste cenário municipal específico é incitar a reflexão sobre a importância da existência de cada um desses jovens. As suas existências não se definem ao jogo mercantil e eugênico que tem sido provocado e investido em cada decisão governamental nos últimos dias. A saúde desses jovens é história, é corpo, é moradia, é nutrição e é comunidade. O povo preto é um povo marcado pela ameaça de não poder sonhar o futuro e apostar em perspectivas. No entanto, essas existências, apesar de afogadas no mar da desesperança, buscam forças vitais e enraizadas que as possibilitam recuperar, construir e se organizar, a fim de garantir a nossa continuidade. Axé!

Conheça as Organizações Sociais com atuação na cidade de São Gonçalo

→ África em Nós:

<https://www.facebook.com/aafricaemnos/>

@africaemnos (*Instagram*)

→ Comunidade Viva:

<https://www.facebook.com/comunidadevivasg/>

→ Nós por Nós:

<https://www.facebook.com/npnjc/>

@nnpjc (*Instagram*)

→ Isoporzinho da Prevenção:

<https://www.facebook.com/isoporzinhodaprev/>
@isoporzinho_

→ Bem TV e projeto “Jovens Comunicadores”:

<https://www.facebook.com/bemtv.oficial/>
@bem.tv